

/ PALAVRA DO LEITOR

Revitalização do Centro

A Câmara de Vereadores de Porto Alegre aprovou na semana passada um projeto que amplia as permissões para transformar salas comerciais em unidades residenciais no Centro Histórico de Porto Alegre, retirando a restrição atual de metragem mínima de 60 metros quadrados para os imóveis (Jornal do Comércio, edição de 23/10/2026). Liberar as salas comerciais para o uso residencial é o tipo de atitude que precisa ser feita para melhorar o Centro de Porto Alegre. A região é linda, mas está cheia de prédios comerciais quase vazios. (Denise Pazetto)



Habitação

O antigo Edifício Protetora, na Praça Rui Barbosa, no Centro Histórico de Porto Alegre, deverá receber 100 unidades habitacionais do Minha Casa, Minha Vida (JC, 21/10/2026). Quero ver se conseguirão fazer a manutenção. Isso vai sair caro para as pessoas de baixa renda. (Julio Cesar Ferreira)

Leilão beneficente

Um leilão beneficente foi realizado com o objetivo de arrecadar recursos para a restauração do órgão de tubos da Basílica Nossa Senhora das Dores, localizada no Centro Histórico de Porto Alegre (JC, 22/10/2026). É divino que a Igreja Nossa Senhora das Dores tenha seu órgão de tubos, porém o fato de que ele saia do Seminário de Viamão traz a realidade de que já não se espera que os padres sejam organistas, o que era de vital importância para incentivo da formação de organistas nas paróquias e esplendor da liturgia, como aconteceu em meu caso, a partir do Padre Ari Antonio da Silva, ordenado há 50 anos. (Marciane Faes)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

Aos anunciantes e agências de publicidade

Alteração de horário de fechamento

Face ao feriado de Finados em 02 de novembro, a edição do dia 02 será conjunta com a do dia 30 de outubro, com o fechamento comercial às 17h do dia 29 de outubro.

A edição do dia 03 de novembro de 2026 circulará normalmente, com o fechamento comercial às 17h do dia 30 de outubro.

/ ARTIGOS

A escolha do eleitor independente

Elis Radmann

A polarização já estava definida. De um lado, Lula e a esquerda. De outro, bolsonaristas e eleitores de direita. As pesquisas mostravam cerca de um terço em cada campo. Restava conquistar quem não se reconhecia em nenhum deles, o eleitor independente.

Esse eleitor foi o mais difícil de mobilizar. Parte se aproximou de Flávio Bolsonaro no primeiro turno. Outra preferiu candidatos alternativos, branco, nulo ou abstenção. Em comum, havia decepção com a política, preocupação com corrupção e custo de vida, além de pouca confiança de que o País melhoraria com qualquer um dos dois.

No segundo turno, Lula e Flávio precisavam falar com esse eleitor. As campanhas recorreram ao medo e passaram a mostrar os riscos da vitória do adversário.

Na reta final, 44% temiam a volta da família Bolsonaro ao poder e 42% a reeleição de Lula e aumentava a espiral do silêncio que motivou o voto envergonhado.

A eleição passou a ser também uma disputa de rejeição. Para muitos, votar significava escolher alguém. Para outros, impedir a vitória do outro. Parte evitou discutir política, mas manteve sua decisão até a urna.

A abstenção caiu de 21,08% no primeiro turno para 19,2% no segundo. Cerca de três milhões de brasileiros voltaram às urnas. Lula terminou re-

leito com 51,79% dos votos válidos.

A continuidade não foi garantida apenas pela mobilização da campanha de Lula. Ele precisava ultrapassar sua base, reduzir resistências e mobilizar quem estava distante da disputa. O eleitor independente não precisava se transformar em lulista.

Precisava, diante de duas opções que despertavam dúvidas, rejeições e medos, decidir participar. As análises vão falar de muitas teses e até do voto pela democracia, mas, para esse eleitor, foi um voto no “candidato menos ruim”, motivado também pelas estratégias do medo e por receios alimentados por familiares e amigos.

Talvez essa seja uma das principais mensagens das urnas. Em uma sociedade polarizada, as bases garantem o ponto de partida. Mas são justamente aqueles que ainda questionam, hesitam e não vestem a camisa de nenhum dos lados que podem definir a chegada. Ou seja, quem decide os rumos do País é o eleitor descrente que não gosta de política.

Para muitos, votar significava escolher alguém. Para outros, impedir a vitória do outro

Cientista social e política

Construção civil e alguns de seus desafios

Rafael Souza

A construção civil está diretamente ligada ao desempenho da economia e, diante de um cenário de incertezas políticas e econômicas, precisa acompanhar de perto as movimentações que podem influenciar o mercado e as decisões empresariais.

Para os empresários, compreender os reflexos dos contextos político, econômico e social na construção civil é fundamental para avaliar cenários, definir estratégias e posicionar suas empresas diante dos desafios do mercado.

A industrialização da construção civil ganha importância como alternativa para aumentar a produtividade

Estamos vivendo um momento de muita imprevisibilidade. Ainda não sabemos exatamente o que pode acontecer, e precisamos acompanhar os desdobramentos para definir os caminhos a seguir. Ouvir diferentes análises ajuda a compreender melhor o cenário e o papel da construção civil nesse contexto.

Entre os principais desafios apontados está a dificuldade de encontrar profissionais em quantidade suficiente e com a qualificação necessária. Na avaliação do setor, a perda de valorização da mão de obra e a redução da capacidade produtiva e da formação profissional são questões que se acumu-

laram ao longo dos anos, independentemente dos governos e de suas orientações políticas.

A transformação do mercado de trabalho também contribui para esse cenário. Mudanças culturais, avanços tecnológicos e o surgimento de novas oportunidades profissionais ampliaram as alternativas disponíveis aos jovens, que já não veem necessariamente na construção civil uma porta de entrada para o mercado de trabalho.

Tradicionalmente, funções como servente e auxiliar de pedreiro ou carpinteiro permitiam que os trabalhadores ingressassem no setor e aprendessem uma profissão na prática, construindo uma trajetória de desenvolvimento profissional. Hoje, essa dinâmica enfrenta novos obstáculos, exigindo que as empresas repensem suas formas de atrair, capacitar e reter trabalhadores. Diante da dificuldade de contratação e qualificação, a industrialização da construção civil ganha importância como alternativa para aumentar a produtividade e reduzir a dependência de processos essencialmente artesanais.

A incorporação de novas tecnologias, a adoção de sistemas construtivos industrializados e a modernização dos processos de trabalho são caminhos para responder à escassez de profissionais e tornar a atividade mais eficiente. Essa transformação, no entanto, também exige planejamento, investimentos e preparação das empresas para uma nova realidade produtiva.

CEO da Allianz Soluções de Engenharia